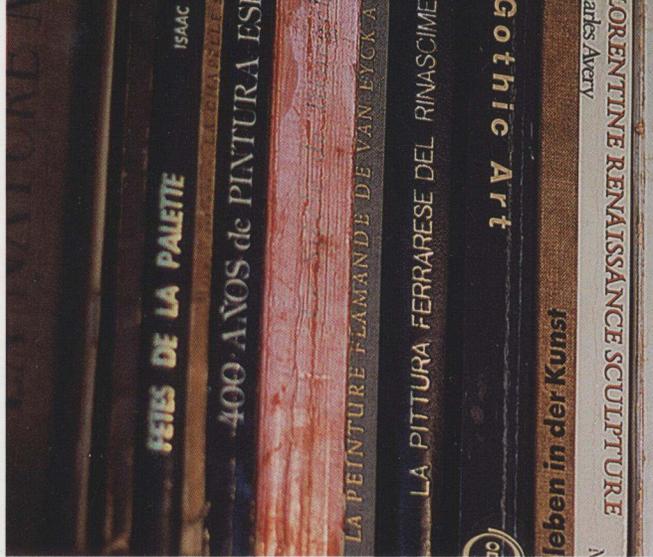
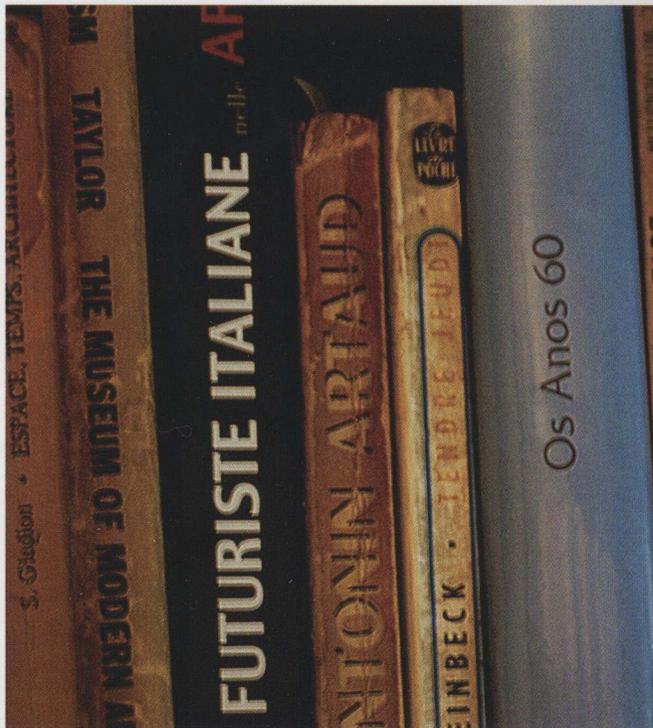
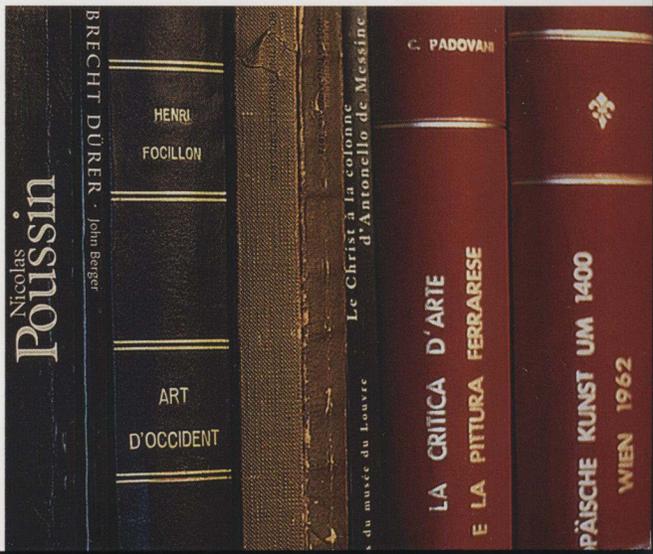




MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA  
da Universidade de São Paulo

# Biblioteca Walter Zanini





# Biblioteca Walter Zanini

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA  
da Universidade de São Paulo

Cristina Freire  
(Org.)

São Paulo  
2017



## Biblioteca Walter Zanini: Um legado vivo

**Cristina Freire**  
Professora Titular/  
Full Professor  
MAC USP

No dia 6 de junho de 1964, o suplemento literário do jornal O Estado de S. Paulo publica o artigo intitulado Bibliotecas no Brasil<sup>1</sup>, de Walter Zanini, diretor do então recém-criado Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP). Em uma das várias entrevistas que realizei com Zanini, ele menciona esse artigo e promete procurá-lo nos seus papéis para, talvez, incluímos na publicação que então organizava com seus escritos<sup>2</sup>. Sobre o texto explica:

O título era para ser “Bibliotecas de Arte no Brasil”, mas quando imprimiram ficou somente “Bibliotecas no Brasil”. Acho que não cabia na coluna do jornal (risos). E a pessoa que lia o título pensava que se falaria de todas as bibliotecas, mas era apenas das bibliotecas de arte, no estrangeiro e aqui [...]. Acho que é interessante porque fiz um estudo das bibliotecas que eu conheci na Europa, em vários países, e comparei quando cheguei aqui<sup>3</sup>.

De fato, no texto<sup>4</sup>, Zanini apresenta um diagnóstico detalhado da situação das bibliotecas de arte brasileiras (em especial em São Paulo e no Rio de Janeiro). Naquele momento, sua análise não era nada animadora. Por certo, o contraste experimentado com a infraestrutura cultural no Brasil, após um longo período de estudos na Europa, era para ele muito sensível e assim tentava assimilar o choque do seu retorno ao país avaliando as condições de nossas bibliotecas públicas.

Expressões como “desalentadoramente incompletas”, “decepcionante”, “soluções rejeitadas para um futuro que não se degela”, “insuficiência de verbas”, entre outras, traçam um panorama sombrio. À exceção da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, com referência elogiosa ao trabalho do crítico Sérgio Milliet, seu diretor, que implementou, a partir de 1945, ali a seção de arte. Comenta Zanini:

A Biblioteca Mário de Andrade era uma sala na rua da Consolação em que os artistas se formavam ali, porque o Sérgio Milliet, que foi o segundo diretor do MAM, tinha tido uma formação mais geral de intelectual, sociólogo, economista. Quando ele voltou da Suíça ele trouxe ideias também sobre arte e ele foi diretor também dessa biblioteca e formou um setor de arte, que depois levou o nome dele, criando uma biblioteca importante no Brasil nesse ramo. Ali havia exemplares sobre cinema, sobre música, mas, sobretudo área de artes visuais. Muitos artistas se reuniam ali, como o Grupo Ruptura, o Grassman, intelectuais, estudiosos. Tinha muitos livros, mas não se comparava com as bibliotecas europeias. Mas, existia uma coisa que veio naquele tempo e foi crescendo [...]<sup>5</sup>.

Zanini avalia também, no mencionado artigo, as condições emergentes na Universidade de São Paulo, naquele momento com a criação do Museu de Arte Contemporânea e do Museu de Arqueologia e Etnologia e nota que “coleções consideráveis que passaram a integrar a Universidade não se acham acompanhadas de autênticas bibliotecas, embora haja importantes doações de livros”<sup>6</sup>.

Sempre positivo em sua prospectiva, Zanini elabora uma espécie de profecia autor-realizadora, tal como vemos agora acontecer com a doação de sua biblioteca particular. Muitos esforços Zanini empreendeu para a consolidação de uma biblioteca e um arquivo integrados ao nascente MAC USP, modelando-se pelos exemplos que havia visto no estrangeiro. E pondera, esperançoso e positivo, como sempre:

1 ZANINI, Walter. Bibliotecas no Brasil. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 6 jun. 1964. Suplemento literário.

2 Freire, Cristina (Org.). Walter Zanini: Escrituras Críticas. São Paulo, Annablume, 2013.

3 ZANINI, Walter. Depoimento [julho, 2007]. São Paulo: Documento transcrito. Entrevista concedida a Cristina Freire.

4 O artigo foi encontrado recentemente, e de fato, só chegou às minhas mãos, com a ajuda de sua companheira de vida toda, sua esposa, Neusa Zanini.

5 ZANINI, 1964.

6 Ibidem.



O esforço que se exige para enriquecer os elementos existentes e cobrir as lacunas de toda espécie é imenso e, sem dúvida, recairá cada vez mais sobre a Universidade a responsabilidade de desempenhar um papel vital na solução do grande problema". E arremata: "sem dúvida, será no plano universitário que o problema encontrará, um dia, sua melhor solução<sup>7</sup>.

Zanini entende que a razão e a necessidade das bibliotecas de arte na Universidade estão indissolavelmente ligadas à docência e à pesquisa. Nesse sentido, a presença de disciplinas ligadas à História da Arte na Universidade de São Paulo e programas com disciplinas específicas na área deveriam ganhar ainda mais relevância e peso e, principalmente na estruturação do Instituto de Arte, que até o momento, diga-se de passagem, não se concretizou na USP.

Uma disciplina pioneira de História da Arte foi ministrada na FAU USP e esteve a cargo de Lourival Gomes Machado<sup>8</sup>, professor que o Conselho do Museu decide homenagear em 1969, dando seu nome à Biblioteca do MAC USP. Uma outra disciplina, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas ficaria a seu próprio cargo.

Enquanto a batalha na Academia para a consolidação de uma infraestrutura básica para a pesquisa e ensino da arte era intensa; em sua casa, construiria, não sem muito esforço, sua rica biblioteca pessoal.

Mais do que um conjunto de livros, a Biblioteca Walter Zanini, ora transferida para o MAC USP, configura-se como um mapa intelectual de um percurso singular. Testemunha lugares, interesses, movimentos artísticos, exposições, monumentos, artistas, críticos, autores, obras, museus, coleções etc. Essa biblioteca, reunida ao longo de toda uma vida, dá suporte para compreender suas iniciativas, seus tantos projetos concluídos ou apenas imaginados.

Essa história intelectual única mescla-se indissolavelmente com a origem do MAC USP, instituição onde Zanini também protagonizou muitas batalhas para construir mais do que uma simples coleção de obras de arte, ou seja, um museu universitário exemplar com um programa aberto à pesquisa, ao ensino e à difusão da arte e sua história.

Os livros nas estantes de sua casa não encontravam barreiras geográficas ou linguísticas e misturavam diversos idiomas: português, francês, italiano, alemão, inglês, em publicações que agregam distintos períodos na história da arte ocidental: gótico, medieval e contemporâneo que se encontram nas prateleiras. Nessa babel de livros, misturavam-se outros entes intermediários mais ou menos identificáveis, como catálogos, folhetos, papéis avulsos diversos, manuscritos, cartas, álbuns e cartões que dão a ver seu lugar de criação constante, tendo o mundo todo como horizonte, para perscrutar, inquirir e refletir.

Nos aposentos de sua residência, onde Zanini trabalhava em suas pesquisas, há caixas repletas de videocassetes que testemunham, por exemplo, seu interesse pela relação entre arte e tecnologia, as práticas de artistas nacionais e internacionais. Como seus livros, as obras em vídeo em sua biblioteca são como documentos a serem constantemente revistos e analisados. Para ancorar essa história

---

7 Ibidem.

8 Lourival Gomes Machado (1917-1967): crítico de arte atuante nas décadas de 1940 e 1960, publicando artigos em jornais e livros. Foi diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

na pesquisa de fontes mais amplas e sólidos alicerces enfoca, em suas últimas pesquisas, na arte e o advento das tecnologias. Em outras caixas, seus escritos e pesquisas que realizou nas diversas cidades e bibliotecas que visitou, como as anotações de aulas de André Chastel, na Universidade Sorbonne, ou Ernst Gombrich, na Inglaterra, entre outros.

Se na década de 1960 organizava a disciplina de História da Arte na USP, duas décadas depois publica uma obra de referência que organiza sobre o assunto: História Geral da Arte no Brasil<sup>9</sup>, em dois volumes, referência ainda hoje obrigatória sobre o tema.

É interessante notar que Roger Chartier, ao estudar a entrada do termo “Biblioteca”, no Dictionnaire de Furetière (1690), constata que a primeira acepção que surge aí é mais clássica e sedimentada nos usos atuais, ou seja, biblioteca como um aposento ou lugar onde se colocam os livros; ou como descreve “galeria, construção cheia de livros”<sup>10</sup>. O segundo sentido designa não mais um espaço, mas um livro, uma publicação. Explica Chartier: “biblioteca é também uma coleção, uma compilação de várias obras da mesma natureza ou de autores que compilaram tudo que se pode dizer sobre um mesmo tema”, ou ainda: “reúnem comodamente em um volume o que nos obrigaria a procurar com esforço em vários lugares”<sup>11</sup>. Essa relação entre biblioteca (física) e a biblioteca (sem muros), no caso de Zanini, é simbólica das várias faces de seu esforço para dar apoio ao ensino e consolidação da pesquisa em artes no Brasil, em especial na USP.

No livro que organizou História Geral da Arte no Brasil (1983) Zanini reúne diferentes abordagens da história da arte na versão dos mais destacados intelectuais e especialistas brasileiros. Uma visada interdisciplinar toma as singularidades brasileiras como perspectiva para textos que contemplam a nossa rica diversidade, incluindo textos como Arte Índia, por Darcy Ribeiro, Arte Afro-brasileira, por Mariano Carneiro da Cunha, Artesanato, por Vicente Salles, entre outros. Nota-se que junto aos temas ou períodos da historiografia da arte canônica, relaciona, como vimos, assuntos e abordagens que fazem parte da especificidade da arte brasileira, sem distinção ou hierarquias.

Em seu trabalho, buscou ativar de várias maneiras o museu como um espaço operacional, inspirado na ideia que atribuía a Le Corbusier, de se conceber o museu como um espaço de pesquisa permanente, o que também incluía a profissionalização técnica de seus serviços associados. Comunica nos boletins informativos: “foi dado início à execução dos serviços técnicos (catalogação e classificação dos exemplares) de acordo com as normas atuais da biblioteconomia”, e anuncia: “o regulamento elaborado para o serviço de empréstimo de livros no boletim informativo do Museu”<sup>12</sup>.

Uma hemeroteca e um setor de slides deveriam dar subsídios para a atividade de pesquisa e de ensino em uma biblioteca “com mais de 10 mil diapositivos de obras nacionais e internacionais” e “aberta para atender professores e estudantes em vários níveis”<sup>13</sup>.

9 ZANINI, Walter (Org.) História Geral da Arte no Brasil. São Paulo, Instituto Walthier Moreira Salles, 1983. 2 vols.

10 Chartier, Roger. Bibliotecas sem Muros. In: \_\_\_\_\_. A Ordem dos Livros: Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa entre os Séculos XIV e XVII. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1994, pp. 67-90.

11 Idem, p. 70.

12 Boletim informativo. São Paulo, MAC USP, n. 123, 19 jan. 1970.

13 Boletim informativo. São Paulo, MAC USP, n. 275, 18 dez 1974.

Vai atualizando nos boletins informativos do Museu o crescimento da quantidade de livros e catálogos incorporados e também a compra de fundos, tal como a biblioteca do arquiteto e artista Paulo Rossi Osir, que marca o início da Biblioteca do MAC USP ou ainda a quantidade de 12.126 volumes especializados no último rastreamento que publica antes de deixar o Museu<sup>14</sup>.

É bastante significativa também a doação de artistas. O pedido para que os artistas brasileiros doassem catálogos de suas exposições individuais está entre as primeiras ações de Zanini no Museu<sup>15</sup>. Nesse chamado, está clara a necessidade de constituição de um acervo para a Biblioteca, mas também anuncia o interesse do Museu pelos artistas brasileiros contemporâneos, proximidade que Zanini manteve como fundamento de suas estratégias e práticas curatoriais. Aliás, essa característica também se destaca em sua biblioteca pessoal: a rede de relações que desenvolveu e manteve com artistas, críticos, escritores e intelectuais ao redor do mundo.

É certo também que os princípios da solidariedade e da rede se anunciam na construção da Biblioteca do MAC USP. Outros acervos foram sendo incorporados a essa Biblioteca ao longo das duas décadas em que Zanini dirigiu o Museu, (e continuam sendo...). Entre eles destacam-se a doação da família do pintor Mário Zanini, seu tio, da escultora Pola Resende e também um conjunto de livros e catálogos doados na década de 1970 pela família de Lourival Gomes Machado.

No Centro de Documentação (Arquivo), as estratégias e práticas utilizadas para consolidá-los no MAC USP abrangiam também os relatórios e textos produzidos por Zanini em sua consciência de historiador e sua preocupação de transparência na gestão da coisa pública. Extratos, contas, balancetes, tabelas, recibos, além de cartas, textos, fotografias, manuscritos, publicações, incluindo fundos completos e arquivos de artistas, como o do artista Samson Flexor doados pela família do artista em 1977.

Para alimentar os arquivos no Museu e consolidar sua história toma o cuidado de usar o papel carbono nas cartas e relatórios datilografados para que o registro dessas correspondências possa, desde logo, sedimentar a memória do recém-criado Museu.

Essa espécie de memória tátil, vegetal ou analógica tem características próprias. É certo que as fitas de videocassete, antes que a obsolescência se desse, assim como as fitas cassetes, e mesmo os xerox de textos, são o registro de um momento específico da história das tecnologias, ultrapassado pelas tecnologias digitais.

O esforço para profissionalizar o trabalho nas diversas especialidades no Museu remete à sua experiência de pesquisa nas diversas bibliotecas em que trabalhou no exterior. Lembra Zanini:

[...] quando eu estudava em Londres, havia no mesmo prédio do Courtauld Institute a Witt Library, que é um centro de documentação. Eu estava fazendo uma tese, que alguns anos depois defendi em Paris, e trabalhei muito com fotografia, porque ali conhecia os originais, visitava museus. Eles possuíam uma documentação fotográfica inacreditável, com fotografias de desde o século XIX até as mais recentes. Então eu comparava diferenças que havia entre os museus e isso ajudava muito na atribuição; trabalhava-se muito com a atribuição, ainda se trabalha muito<sup>16</sup>.

14 Boletim informativo. São Paulo, MAC USP, n. 379, 10 dez. 1977.

15 Boletim informativo. São Paulo, MAC USP, n. 3, 2 maio 1963.

16 ZANINI, 2007.

Viaja mais adiante no tempo e lembra-se de suas pesquisas na França:

Em Paris tinha a Biblioteca Jacques Doucet<sup>17</sup>. Jacques Doucet era alguém que doou a biblioteca dele. Acho que era costureiro, alguma coisa ligada à moda [...] e essa biblioteca eu frequentei muitos anos. Toda tarde tinha aulas e também trabalhava nessa biblioteca, e ali vinham os velhos historiadores franceses, alemães, italianos, portugueses, que eu ficava conhecendo, às vezes fazia contato com eles.... Lembro do André Chastel<sup>18</sup>, dos professores da Sorbonne [...]<sup>19</sup>.

É interessante essa referência de Zanini, pois o costureiro Jacques Doucet (1853-1929), foi um dos maiores colecionadores do seu tempo. Entre 1896 e 1912 possuía uma das mais extraordinárias coleções de obras de arte do século XVII, que incluía também muitas obras de seus contemporâneos (Pablo Picasso, Henri Matisse, Giorgio De Chirico). Foi fundador da biblioteca de arte e arqueologia, agora pertencente ao Instituto Nacional de História da Arte de Paris (INHA)<sup>20</sup>.

Afeito à convivência com artistas de vanguarda, Doucet contrata em 1921 o jovem André Breton para ser seu bibliotecário. Segundo consta, foi o surrealista que o aconselhou na compra de obras, que se tornariam ícones da arte moderna como *Les Femmes d'Alger*, de Picasso, e os rotorelievos de Duchamp. No final, doou sua biblioteca (que inclui fundos de Stéphane Mallarmé, Paul Verlaine, Guillaume Apollinaire, Henri Bergson, Paul Valéry, André Gide, André Breton, Paul Éluard, Tristan Tzara, Michel Leiris, André Malraux, Jean-François Lyotard, entre outros) à Universidade de Paris, que a incorporou na década de 1930. A biblioteca de Jacques Doucet representa a metáfora de um colecionador idealista que valorizava sobretudo a investigação e o convívio com os artistas da vanguarda de seu tempo. Qualquer semelhança pode não ser mera coincidência...

Como não poderia deixar de ser, ao falar da biblioteca de Doucet que frequentou na França, Zanini fala de si, por meio de seu acervo de memórias. Os lugares da Biblioteca de Jacques Doucet, são percorridos pelas recordações de Zanini que nos transporta pela imaginação como nesse trecho da entrevista: "lá em cima o departamento de Artes... a arqueologia, nos últimos andares [...]"

A memória e os espaços que ele percorre imaginariamente, para recolher dali as recordações lhe pertencem, remetem à bela imagem de pensamento de Walter Benjamin, intitulada Escavando e Recordando:

A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como o homem que escava [...] se ilude privando-se do melhor quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente<sup>21</sup>.

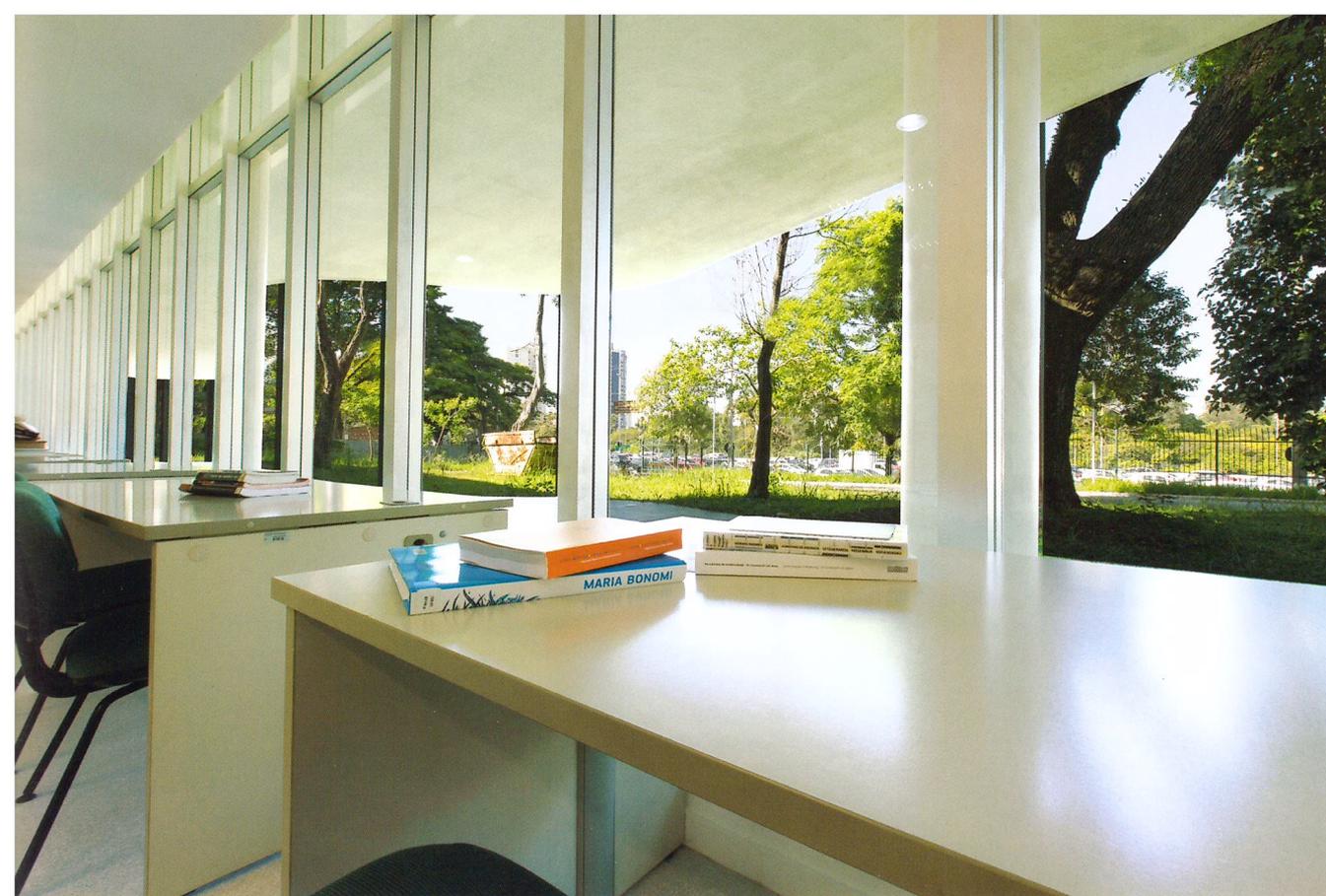
17 Jacques Doucet (1853-1929) foi um designer de moda e colecionador de arte francês. Formou, a partir de 1916, uma biblioteca literária excepcional, legado que foi aceito pela Universidade de Paris em 1932. Em 1933, por iniciativa do reitor Charléty, a biblioteca é transferida e aberta ao público em um novo local, a Biblioteca de Sainte-Geneviève.

18 André Chastel (1912-1990), estudioso de História da Arte, foi docente na Universidade Sorbonne (França) de 1945 a 1970, onde orientou Walter Zanini em pesquisa.

19 ZANINI, op. cit.

20 BOFFERDING, R. Louis. A Look at Fashion Designers Jacques Doucet's Private Collection. Disponível em: <<https://www.architecturaldigest.com/story/jacques-doucet-furniture-art-collection-article>>. Acesso em: 2 out. 2017.

21 Benjamin, Walter. Rua de Mão Única: Obras Escolhidas, vol. II. São Paulo, Brasiliense, 1987, pp. 239-240.



### Biblioteca Walter Zanini: Origem e Destino

Se hoje a virtualidade das imagens possibilita acesso a arquivos digitais desterritorializados, a biblioteca e o arquivo pessoal de Zanini juntam-se como elementos palpáveis e tangíveis no Museu que ajudou a instaurar.

Os livros, tanto como as obras de arte na coleção, reforçam os sentidos da fisicalidade e da presença tátil, corpórea, razão primeira e condição de existência de um Museu. As cores, dimensões, pesos e formas dos volumes sugerem outras práticas de leitura, diferentes da leitura uniforme, realizada a partir de qualquer lugar em que se acenda a tela de um dispositivo digital.

No MAC USP, os painéis de vidro do edifício tendem a aproximar a cidade das salas de leitura e a vizinhança com as obras de arte são possibilidades sensíveis que a biblioteca desse museu pode oferecer. Nesse cenário, torna-se claro como o ler e o ver configuram relações integradas, partes de um mesmo exercício de fruição intelectual que se relacionam inexoravelmente.

Como ensina o filósofo Chartier, “a leitura não é somente uma operação abstrata de intelectção; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros<sup>22</sup>”.

<sup>22</sup> CHARTIER, 1994, p. 16.

Comparada com a fragmentação e a leitura solitária e transversal na tela do computador sem lugar ou história, o livro impresso, na sequência de suas páginas em um determinado lugar, dá ao leitor a percepção de uma totalidade, coerência e identidade. Essa identidade se reforça na coincidência entre leitura e lugares.

A localização da Biblioteca Walter Zanini, agora incorporada ao MAC USP, é também reveladora das derivas do Museu e de sua biblioteca. Nesse sentido, a arquitetura moderna de Niemeyer é um índice potente que sugere uma atenção especial ao universo simbólico que se delinea a partir de uma constelação de histórias.

Basta lembrar que o MAC USP foi instalado originalmente, “provisoriamente” (onde ficou por cinquenta anos...), no 3º Piso do Pavilhão da Bienal, no Parque do Ibirapuera, em 1963. Exatamente meio século depois, passou a ocupar o antigo Palácio da Agricultura, outro edifício-monumento-ícone de Oscar Niemeyer, no mesmo parque. Liga-se assim no MAC USP origem e destino. Afinal, estamos no Brasil “condenados ao moderno”, como postulou o crítico Mário Pedrosa, cuja trajetória profissional também se mescla com esses museus, a Bienal e o Parque Ibirapuera, em São Paulo.

Ao longo de sua história, reúnem-se agricultura e cultura nesse edifício, onde leitores e escritores, ora se encontram na biblioteca do Museu. Como ensina Michel De Certeau, escritores são os “cultivadores, análogos aos fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos lavradores de antanho – mas sobre o solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas [...]”<sup>23</sup>.

A doação da Biblioteca Zanini ao Museu tem um outro sentido simbólico: privilégio, sem concessões, os valores humanistas, que são hoje fundamentais contrapontos no mundo de consumidores em que vivemos.

Afinal, o que se transmite nessa doação, além do fabuloso acervo de livros e documentos, são princípios éticos próprios de uma economia de reciprocidades e dádivas. Num tempo em que o sentido do público perde para os interesses individuais e de mercado dominantes o que essa doação testemunha é mais um gesto de Zanini para a construção do MAC USP. Com essa doação exalta-se a gratuidade, a generosidade, a sabedoria, a diversidade, o respeito ao conhecimento como estímulo e exemplo de valores contra-hegemônicos à ordem das coisas e do mundo atualmente.

Lembro-me aqui de outra bela imagem de pensamento, na qual Benjamin comenta a prática do colecionar livros:

[...] para o colecionador – e me refiro aqui ao colecionador autêntico, como deve ser – a posse é a mais íntima relação que se pode ter com as coisas: não que elas estejam vivas dentro dele; é ele que vive dentro delas<sup>24</sup>.

O legado de Walter Zanini está bem vivo em sua biblioteca. O seu desejo de doá-la ao Museu, generosamente atendido por Neusa Zanini, filhas e netos, torna o MAC USP e sua biblioteca ainda mais singulares e relevantes como seu primeiro diretor um dia imaginou.

23 Certeau, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 1994, pp. 269-270.

24 Benjamin, Walter. *Desempacotando Minha Biblioteca: Um Discurso sobre o Colecionador*. In: \_\_\_\_\_. *Rua de Mão Única: Obras Escolhidas*, vol. II. São Paulo, Brasiliense, 1987, pp. 227-235.